

## RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO

PRODEP III

### *Dialéctica entre elite política e poder feminino na Guiné-Bissau*

**ESTAGIÁRIA:** Ana Cláudia da Silva Barrinha

**CURSO:** Antropologia

**DURAÇÃO DO ESTÁGIO:** Seis meses (de 1 de Dezembro 02 a 31 de Maio 03) - 780h.

**ENTIDADE:** Centro de Estudos Africanos (C.E.A.), sediado no I.S.C.T.E.

**ORIENTADOR DO ESTÁGIO:** Professor Doutor Franz Heimer

**SUPERVISOR DO ESTÁGIO:** Professor Doutor Eduardo Costa Dias

### *Agradecimentos*

Os meus agradecimentos vão, em primeiro lugar, para toda a equipa do CEA, em especial o professor Doutor Franz Heimmer e o professor Doutor Carlos Cardoso, entre outros, que acreditaram nas minhas capacidades e me incentivaram a desenvolver um projecto pessoal durante o Estágio.

Agradeço ainda a todos os que, na Guiné-Bissau, me proporcionaram a possibilidade de realizar as entrevistas, me acolheram no seu país e me ajudaram a encontrar dados estatísticos vitais para o relativo sucesso deste empreendimento. Um obrigada a todos.

## *Almas de Aço*

Olha prá esta madrugada vermelha  
na imensidão do céu arrepiante  
que anuncia a tempestade humana  
na ternura d'almas de aço

sem Paz  
sem Pão  
sem Piedade.

Olha prá este sol cinzento  
no horizonte negro das planícies  
que pinta a solicitude das esperanças  
na angústia d'almas de aço

sem Paz  
sem Pão  
sem Piedade.

Olha prá estes dias penumbrosos  
escorrendo sobre as águas salgadas  
que dançam na podridão dos corpos  
na desgraça d'almas de aço

sem Paz  
sem Pão  
sem Piedade.

Olha prá estas terras verdes  
alimentando os rios dos meus olhos  
que escorrem nas veias entulhadas  
na decepção d'almas de aço

a gritar pela Paz  
a berrar pelo Pão  
a sucumbir sem Piedade.

*Umaro Djau*

[Muncie, 12 de dezembro de 1998]

# Índice

## I – INTRODUÇÃO

Candidatura, área e problemática desenvolvida

## II – DIALÉCTICA ENTRE ELÍTE POLÍTICA E PODER FEMININO

- 1- A problemática abordada e os conceitos teóricos envolvidos
- 2 - A experiência etnográfica na Guiné-Bissau e suas implicações nas questões inicialmente formuladas
- 3 - Metodologias adoptadas
  - a) A pesquisa documental
  - b) As entrevistas: universo e características da amostra
  - c) A observação participante
- 4 - Interpretação dos dados recolhidos no terreno
- 5- Hipóteses explicativas resultantes da convergência entre o enquadramento teórico e a perspectiva empírica

### **III - CONCLUSÃO**

### **IV - ANEXOS**

- 1 - Mapas da Guiné-Bissau e da sua Capital
- 2 - Cronograma das actividades desenvolvidas durante o Estágio
- 3 - Pedido de visto de cortesia à Embaixada da República da Guiné-Bissau
- 4 - Modelos de entrevistas sobre a dialéctica entre o poder feminino e religioso na elite política guineense
- 5 - Dados estatísticos referentes à representatividade feminina no parlamento [1985-2000] em vários países africanos (fornecidos por uma das pessoas que entrevistei)
- 6 - Fotografias tiradas durante a minha estadia na Guiné-Bissau

### **V - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA NO PROJECTO INDIVÍDUAL**

## I - INTRODUÇÃO

### **Candidatura, área e problemática desenvolvida**

No âmbito do Programa de desenvolvimento Educativo para Portugal (PRODEP III), a minha candidatura como estagiária no CEA foi bastante bem recebida e, após um período de negociação entre mim e o Doutor Franz Heimer (Presidente do CEA), ficou garantida a minha participação no projecto por ele dirigido: "(Re) Composição dos Espaços Políticos nos Países Africanos de Expressão Portuguesa".

Este projecto, que se enquadra na área dos Estudos Políticos Africanos, já se encontrava em curso antes da minha candidatura, pelo que ficou acordado que não existiria um horário de trabalho fixo, muito embora estivesse obrigada a participar nas reuniões referentes ao projecto, a contactar com os demais investigadores e disponibilizar a minha ajuda numa ou outra tarefa específica. Para além disso, seria desejável que em colaboração mais próxima com um dos investigadores do referido projecto- o Doutor Carlos Cardoso – eu colocasse novas questões que complementassem o tema específico por ele abordado: "A Formação da elite política na Guiné-Bissau"(2003). Nesse sentido ficou acordada a elaboração de um projecto individual que o complementasse, assim como a possibilidade de uma ida ao terreno.

No contexto guineense, Carlos Cardoso (cf. 2003:6) partiu da constatação do papel extraordinariamente dinâmico que um grupo de indivíduos desempenhou, e continua a desempenhar, nos processos sociais e políticos em curso, para tentar definir o conceito de elite política africana e questionar a aparente não renovação actual dessa elite política, apesar da entrada em cena de novos actores políticos. Partindo da questão fundamental de saber "quem controla, de facto, o poder na Guiné-Bissau?" (2003:7), era meu desejo aprofundar um conjunto de

questões relacionadas com a dialéctica entre elite política e poder. Procurei compreender como, e de que forma, estes dois vectores se inter-cruzam e contribuem para uma definição do conceito de elite política. No contexto desta problemática, dois grupos de questões surgiram à partida:

1 - O primeiro tinha que ver com o poder feminino dentro da elite política: a) “Qual o grau de participação das mulheres no seio da elite política guineense?; b) Qual o estatuto ocupado pelas mulheres antes, e depois, do chamado período de Liberalização política?; c) Se, segundo as mulheres, existe uma forma de fazer/estar na política no masculino e outra no feminino?; d) Será o parlamento um espaço maioritariamente masculino?; f) Existem alguns progressos, ou retrocessos, no que toca ao processo de emancipação da mulher no seio da política activa?

2 - O segundo estava relacionado com a constatação do poder crescente da religião islâmica na vida política guineense: a) “ Qual o papel e poder de decisão detém a religião (Católica, Islâmica ou as várias religiões “Autóctones”) no contexto da política guineense?; b) Quais as transformações que se verificam ao nível da separação do poder político do poder religioso?; c) Será o poder, por via da elite política guineense, influenciado por ideias vindas de outros campos da vida social e cultural?; d) Se sim, qual o grau de influência dessas ideias religiosas na tomada de decisões?

No decurso deste projecto, vi-me obrigada a abandonar este segundo grupo de questões que me propus reflectir. No entanto, realizei alguma pesquisa bibliográfica sobre a temática que poderá servir como ponto de partida para uma pesquisa futura. Daí a necessidade de a incluir na bibliografia [cap. V deste texto].

## **II – Dialéctica entre elite política e poder feminino no contexto guineense**

Após o meu regresso da Guiné-Bissau, apresentei a primeira versão do relatório do campo que, entretanto, já sofreu algumas alterações agora incluídas neste trabalho.

### **1– A problemática abordada e os conceitos teóricos envolvidos**

A análise da dialéctica entre poder feminino e elite política que proponho nestetrabalho, tem como elemento central o indivíduo (ou grupo) - enquanto ser capaz de engendrar estratégias e discursos com um objectivo determinado, isto é, enquanto actor político. Seguindo a perspectiva do político da corrente dinamista<sup>1</sup>, procuro analisar - através dos discursos, percepções mentais e acções dos actores - as transformações ocorridas na relação das forças envolvidas entre a elite política e o poder feminino.

Enquanto imposição da ordem humana a um universo que percebemos como caótico, o Político é uma construção socio-cultural. Um processo em permanente transformação e, por isso, a análise das alterações das práticas/discursos dos actores políticos implica uma perspectiva processual. Dito de outra forma, se procedermos ao estudo dos

---

<sup>1</sup> De acordo com a tradição da antropologia política implementada por Balandier (1985: 309-33), Abélès (1997: 34), entre outros, o político deve ser encarado como um fenómeno mutável, emanado da osmose entre três dimensões essenciais: uma Estrutural (administração; governo); outra Processual (decisões; práticas); e outra, ainda, Simbólica (ideologias; linguagens; discursos).

processos e dos dispositivos de poder, talvez consigamos perceber as possíveis transformações ocorridas na relação entre a elite política e o poder feminino na Guiné-Bissau.

No jogo do político, as acções e as decisões dos actores têm o propósito de lhes serem úteis e, por conseguinte, isso revela uma estratégia mais ou menos bem delineada que está presente no discursos e nas práticas dos mesmos. Actuando sobre o campo das possibilidades onde os actores sociais se inscrevem, o poder assenta no equilíbrio entre as desigualdades e é algo bastante ambíguo, sagrado (cf. Balandier: 1978; Foucault: 1994a), pelo que comporta uma dimensão simbólica que não devemos descurar na análise das transformações ocorridas na dialéctica entre poder feminino e elite política.

O político recorre frequentemente ao poder - através da persuasão, da intriga e/ou da coerção e da violência - no sentido de construir processos de gestão de interesses específicos para o domínio público - o Governo - e outros processos específicos para o domínio privado - a Família - entendida como a unidade básica da sobrevivência/(re)produção social (cf. Bourdieu: 1998; 1988a; Foucault: 1994; 1994a). Isto significa que o poder não se encontra distribuído de forma homogénea por todos os elementos da sociedade. Mesmo nas sociedades ditas democráticas, os factos mostram que o poder permanece nas mãos de alguns, de um grupo eleito, uma elite que governa a esfera pública - o espaço político por excelência (cf. Busino; 1992:capII).

Por elite devemos entender qualquer grupo organizado segundo uma série de características comuns aos indivíduos que o comportam e que, por via da posição que ocupam no tecido social, têm a capacidade efectiva para influenciar, mais ou menos directamente, os destinos políticos do seu país. Existem elites com especializações aparentemente muito diferentes - económicas, administrativas, científicas, intelectuais, políticas - e todas elas possuem um conhecimento e poder específico que dominam. Mas, na medida em que (de um modo ou de outro) todos estes grupos participam no destino do país, podem e devem ser entendidos como membros da elite política.

A elite política é, portanto, uma unidade heterogénea e complexa, composta por uma multiplicidade de indivíduos que ciclicamente medem forças e se testam no campo político.

Os actores que desempenham cargos de dirigente pertencem à facção da elite política que, num dado momento histórico, tem a seu cargo a gestão do país.<sup>2</sup>

Mas, em que medida o estudo das elites políticas assume uma particular importância na análise das transformações políticas, sociais e culturais da Guiné-Bissau? Uma possível resposta pode encontrar-se no percurso histórico da África pós-colonial, onde o estado era tudo e o espaço político era por ele totalmente ocupado. Apenas uma minoria dos actores políticos tinham acesso ao poder estatal, todos os outros se encontravam à sua mercê.<sup>3</sup> Nesta conjuntura, as elites formaram-se segundo uma lógica de apropriação do poder estatal uma vez que só através deste controlo absoluto era possível garantir alguma segurança, bens e liberdade para si próprias (cf. Ake, C.: 2000).

No caso específico da Guiné-Bissau, “a acção concreta do estado (...), desde a independência, tem resultado mais no privilegiamento de uma pequena elite do que do desenvolvimento geral da sociedade” (AUGEL, J.: 1996;139). Nessa época, assistiu-se a uma fase de constituição de uma elite política e de um poder altamente elitista. Devido à excessiva centralização do Estado, estes actores que o controlam são os mesmos que constituem a elite política; nessa posição privilegiada, eles controlam também o acesso e a distribuição dos meios de produção de forma a saírem pessoalmente beneficiados (cf. C. Cardoso:2003).<sup>4</sup>

Quanto ao poder feminino, apesar de aparentemente menos visível na esfera pública, este evidencia-se mais nitidamente na esfera privada (cf. Bourdieu:1998; 1998a; Foucault: 1994). Mas isto não significa que esta situação seja estática, nem tampouco significa que as mulheres sejam vítimas apáticas neste processo. Isto porque: se o poder é dialógico – que necessita de um *outro* perante um *eu* – ele só acontece mediante a encenação, por ambas as partes, das suas respectivas diferenças. Nesta perspectiva, as mulheres são vítimas, sim, dum conjunto de regras sociais (masculinas) que lhes tenta vedar a entrada na esfera social

<sup>2</sup> Segundo DALOZ (1999: 34): “Par elite politique, il faut entendre toutes les personnes qui, soit occupent une position de pouvoir institutionnel, soit peuvent exercer une influence forte sur la prise de décision”.

<sup>3</sup> No mesmo livro, ver outro artigo da autora: “Para quem serve o estado?”, pp.105-132.

<sup>4</sup> Na sua análise sobre a emergência da cidadania nas relações tecidas entre os indivíduos e o estado no contexto Senegâmbio, as observações de Eduardo Costa Dias vão no mesmo sentido, quando este nota que: apesar de na actualidade existir uma multiplicidade de novos espaços políticos, mais ou menos tutelados pelas novas figuras que entretanto entraram em cena política, “o terreno estatal é o alvo cada vez mais evidente dos diferentes actores tradicionalmente vistos como inseridos no campo das ditas instâncias políticas étnicas ou etno-religiosas ( Dias :2000; 40 )”.

pública, mas também delas próprias. Ao aceitarem o seu papel socialmente apreendido no jogo político das relações interpessoais as mulheres ajudam, inconscientemente, a reiterar essas mesmas diferenças de tal modo que a geração seguinte irá continuar a alimentar uma situação que lhes é claramente desfavorável (cf. Berthoud:1989; Konning: 1986).

O poder implica uma relação assente na alteridade e, no caso da sexualidade, as diferenças fisiológicas têm servido recorrentemente como base dos discursos políticos e das estratégias sociais seguidas pelos indivíduos. Este processo produz efeitos nos próprios comportamentos dos actores políticos, consoante estes são do sexo masculino ou do sexo feminino (cf. Maccoby 1990: 24).<sup>5</sup> Qual “pescadinha de rabo na boca” [expressão minha], as relações de poder traduzem-se como “os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrios que aí se produzem e são reciprocamente as condições internas dessas diferenciações”(Foucault:1994; 97).

Assim, a capacidade auto-criativa do poder descreve um efeito análogo ao do *boomerang*, na medida em que o seu ponto de partida – a existência de diferenças – é também o seu ponto de partida. O poder inscreve-se, assim, numa lógica cíclica onde quem “domina” e quem é “dominado” conhece e comporta-se segundo o mesmo código de referências culturais relativas (cf. La Fontaine, J. S.:1978). A própria natureza relacional do poder implica a não existência de vítimas apáticas neste processo de dominação (cf. Bourdieu:1998a). E é por essa razão que a questão de como as percepções/discursos sobre o masculino e o feminino são socialmente (re)construídas é da máxima importância.<sup>6</sup> Irei, certamente, aprofundá-la quando lançar algumas hipóteses explicativas para aquilo que eu chamei de fenómeno de erosão do poder feminino na vida política activa guineense [no ponto 5 deste texto].

---

<sup>5</sup> Nesta sua obra, Maccoby (1990) observa que o processo de diferenciação biológica produz uma influência sobre o comportamento social dos dois sexos e, a partir dessa constatação, vai explorar as percepções mentais que estão envolvidas no fenómeno de segregação dos sexos.

<sup>6</sup> Para aprofundar a questão da apropriação social dos elementos diferenciais naturais ver, por exemplo, AMÂNCIO, L. (1994); BALANDIER (1985a[1974]); BRYDON, L.& CHANT, Sylvia (1989); FOUCAULT (1994).

## 2- A experiência etnográfica na Guiné-Bissau e suas implicações nas questões inicialmente formuladas

Primeiramente, gostaria de referir que por muito curta e geograficamente limitada que tenha sido a minha permanência no território guineense [Bissau], ela deu-me a possibilidade de partilhar o quotidiano com as pessoas e permitiu-me observar certos aspectos da complexa realidade guineense que só essa vivência pode ajudar a compreender.

Durante a minha passagem pela Guiné-Bissau pude constatar, por exemplo, que num contexto etnográfico a improvisação e o acaso são, também elas, “ferramentas” muito úteis para qualquer investigação. Experimentei, ainda, a complexidade envolvida na relação que estabeleci com o *outro* no terreno, esse *outro* africano tantas vezes considerado pela antropologia como exótico. Perante esse *outro*, também eu era uma estranha, diferente, e a nossa relação fazia de imediato ressaltar a questão da cor e todos os preconceitos que lhe estão associados.

Foi-me impossível despir a minha cor (branca) e, como ela era frequentemente evocada acabei por aproveitá-la como assunto de conversa. Foi-me igualmente impossível despir do facto de ser mulher - uma mulher interessada em fazer perguntas sobre mulheres - e jovem, pelo que todos esses factores em conjunto intervieram no resultado do presente trabalho. Nessa minha extrema visibilidade, também eu me sentia exótica - na pele do *outro* - e isto levou-me a pensar sobre a inevitável alteração que o investigador produz nos objectos/sujeitos que pretende investigar, pelo que a subjectividade estará sempre presente em qualquer ciência.

Muitos foram os factores que contribuíram para que o trabalho de terreno não tivesse corrido de acordo com as minhas expectativas, mas antes mesmo de indicar algumas das dificuldades encontradas durante a minha estada na Guiné-Bissau [de 5 a 9 de Abril],

considero importante salientar que levei para o terreno um conjunto de ideias pré-concebidas no que toca à temática do poder feminino.

Talvez inconscientemente, tinha criado uma imagem bem mais positiva sobre a situação feminina na Guiné-Bissau. Isso notou-se nas primeiras versões dos questionários que elaborei e ficou evidente na minha admiração inicial, durante as primeiras conversas com mulheres guineenses. A experiência de terreno obrigou-me a reorganizar, não só a estrutura do meu trabalho, como também as minhas próprias concepções face ao *outro* (sujeito/objecto) que pretendia estudar. Nesse sentido fundamental, a minha percepção da complexidade do tecido social guineense ficou apurada assim que adoptei uma atitude mental mais disponível e relativista.<sup>7</sup>

De entre os factores negativos ocorridos no terreno, a falta de tempo foi a principal razão pela qual me vi obrigada a restringir o campo de análise e a concentrar-me apenas na temática das relações entre elite política e poder feminino, em vez de abordar também as questões que tinha preparado sobre o poder religioso. Pela mesma razão, tive de optar por tentar compreender bem a perspectiva feminina em detrimento da masculina, que seria desejável incluir nesta reflexão. As tardes improdutivas devido a contactos adiados, impediram-me de realizar a quantidade de entrevistas que tinha previsto inicialmente [20], tendo realizado apenas um total de seis entrevistas. Neste ponto, devo referir, foi preciosa a ajuda do Doutor Carlos Cardoso que desde logo se prontificou a indicar-me uma dezena de pessoas, bem como a colocar-me pessoalmente em contacto com algumas delas.

---

<sup>7</sup> Essa é, de resto, a maior “prenda” que o encontro etnográfico nos pode dar: conferir elasticidade ao nosso cérebro e leva-nos a questionar sobre os nossos próprios preconceitos.

### **3- Metodologias adoptadas**

Na medida em que procuro perceber de que forma a elite política e o poder feminino progridem no devir, mediante um jogo de causalidade recíproca, as várias ferramentas de pesquisa aqui apresentadas seguem, necessariamente, uma metodologia dialéctica – que tente compreender o objecto/sujeito de estudo, colocando-o novamente na sua própria realidade movente, histórica, concreta. Posto isto, qualquer tentativa de resposta às questões por mim levantadas, implica abraçar um conjunto de metodologias que se complementem. Para além do objectivo de permitir uma melhor compreensão da dialéctica entre elite e poder, as metodologias adoptadas tiveram a intenção de ajudar a delinear os critérios a partir dos quais devemos definir o que é a elite política guineense, por forma a delimitar um conjunto de indicadores que permitirão, mais tarde, caracterizar aquilo que se poderia chamar de elite política africana.

#### **a) A pesquisa documental**

A pesquisa documental é fundamental para a realização de qualquer trabalho científico. A sua importância reside no facto de esta permitir: primeiro, enquadrar teoricamente o objecto/sujeito de estudo – a elite política guineense; segundo, para perceber quais as aí transformações ocorridas. Nessa medida, considere importante proceder à consulta de arquivos nacionais, jornais e/ou publicações actuais que me permitissem analisar, a dinâmica entre elite política e poder feminino.

Infelizmente, nem no terreno, nem de volta a Lisboa, encontrei a informação específica que procurava e que me permitiria cruzar dados no sentido de melhor perceber os percursos dos actores políticos sobre os quais me concentrei. Entre as principais razões deste insucesso, estiveram a inexistência de documentação específica sobre a situação actual feminina na Guiné-Bissau, bem como a falta de informações de cariz estatístico relativas às questões que eu levantara.

Convém salientar que a pesquisa documental não foi limitada ao tempo de estadia na Guiné-Bissau. Muito pelo contrário, ela foi sendo requisitada desde o início do projecto e sempre que se tornou necessário problematizar teoricamente uma questão particular, como é o caso dos conceitos de: “política”, “poder”, “elite política”, *etc.* Nessa medida, visitas à Biblioteca do I.S.C.T.E, do I.C.S., à Biblioteca Nacional ou ainda ao Centro de Documentação do CIDAC, foram igualmente fundamentais para o sucesso deste modesto empreendimento científico.

## **b) As entrevistas: universo e características da amostra**

Optei pela realização de entrevistas semi-dirigidas e abertas, contemplando a introdução de uma breve história de vida, com o duplo objectivo de: primeiro, adquirir informações complementares e tomar conta das reflexões dos actores sobre o seu percurso de vida e as opções tomadas, num contexto histórico específico; segundo, registar e interpretar as vivências desses actores e as suas conceptualizações presentes quanto à política e ao poder, em geral.

No decurso das entrevistas prestei igualmente atenção aos factores socio-profissionais das pessoas entrevistadas. Isto porque, apesar de não ser o indicador mais significativo segundo o qual podemos definir quais os actores pertencentes à elite política, pareceu-me importante começar por aí, porque me permitiu ter uma percepção mais imediata do estatuto político do entrevistado. Com efeito, no contexto africano a definição de elite não se pode

limitar aos aspectos de rendimento ou de riqueza (cf. Cardoso, C: 2003:4). Por outro lado, não podemos esquecer também que a dimensão socio-económica foi, com certeza, importante nas decisões dos actores em momentos fulcrais do seu percurso pessoal e da história dos seu país.

Dentro do contexto urbano, entrevistei mulheres com idades compreendidas entre os quarenta e os sessenta anos, com ideologias e vivências diversas: umas ocuparam cargo de Ministro durante a governação do partido único; outras concorrem actualmente às próximas eleições legislativas, não porque gostem do exercício político propriamente dito, mas por considerarem que nos espaços políticos das ONG's vêm muitas vezes as suas acções goradas devido às limitações criadas pela inércia do Estado; outras, ainda, tornaram-se pequenas empresárias ou continuam a preferir dedicar-se apenas ao espaço de intervenção das ONG's, apesar de partilharem da mesma opinião das que afirmam ser este um campo de acção política muito limitado.

O questionário que tinha preparado era colocado à disposição das senhoras e servia o propósito de guia nas nossas conversas. Cada entrevista foi composta por dois momentos distintos: em primeiro lugar, foi pedido ao interlocutor que fizesse um breve resumo do seu percurso de vida e que se centrasse, fundamentalmente, nas opções políticas, sociais e profissionais que tomou. Esta parte da entrevista foi bastante útil para contextualizar as vivências e opções tomadas pelos actores sociais, bem como para recolher informações de carácter socio-profissional. Seguidamente, a conversa prosseguia guiada por um conjunto de tópicos bem definidos que visavam ajudar-me a encontrar respostas que explicassem o que resolvi designar por fenómeno de erosão feminina na vida política guineense.

As entrevistas foram realizadas com o auxílio de material audio e faladas em português, por forma a rentabilizar ao máximo o tempo de duração da minha estadia Guiné-Bissau, bem como para permitir uma análise posterior mais atenta aos discursos dos actores.<sup>8</sup>

No que diz respeito aos aspectos socio-profissionais das mulheres que entrevistei, apenas as mais jovens possuem cursos superiores. As mulheres mais velhas têm em geral

---

<sup>8</sup> Este tipo de material foi usado mediante a permissão expressa das pessoas entrevistadas e os seus registos foram apagados, assim que serviram os seus propósitos.

menos habilitações académicas, mas dispõem de mais experiência de governação que as primeiras. De um modo geral, foi no grupo de mulheres mais jovens que detectei uma atitude mais elitista face ao poder político. Estas argumentam que tal atitude advém da oportunidade que tiveram de sair do país e tirar um curso superior, sentindo-se, agora, na obrigação (e no direito) de tomar as rédeas governativas da nação.

### **c) A observação participante**

No sentido de melhor compreender as vivências dos actores e as suas conceptualizações, recorri igualmente à observação participante porque só através deste método é possível estabelecer uma proximidade relativa ao problema central da minha pesquisa e, conseqüentemente, encontrar respostas para as perguntas aqui lançadas.<sup>9</sup> Por observação participante não me refiro apenas à participação em colóquios ou seminários que me ajudem, de algum modo, a compreender melhor a complexidade do tecido social guineense, mas sobretudo a uma atitude mental no terreno que teve uma forte componente empírica. É claro que de todas as metodologias aqui apresentadas, esta é de longe a mais problemática devido às limitações de ordem temporal, embora tenham havido acasos, no terreno, que acabaram por favorecer bastante o envolvimento que pretendia ter com as pessoas.

Entendida na sua perspectiva mais abrangente, e uma vez que, na sua essência, é extremamente subjectiva, a observação participante exige uma forte consolidação dos conhecimentos adquiridos na pesquisa documental. Contudo, esse método não se limita face à pesquisa teórica, muito pelo contrário, coloca novas questões, enunciando possibilidades de compreensão e vias explicativas que possibilitam uma postura mais crítica sobre o manancial de textos recolhidos.

---

<sup>9</sup> A utilização da máquina fotográfica foi moderada, pois existem uma série de edifícios públicos que não podem ser fotografados. As que aqui apresento, são fruto de uma selecção pessoal e têm apenas o objectivo de introduzir o leitor no ambiente urbano da cidade de Bissau [ver anexo 6 neste texto].

Se pretendo compreender a dinâmica entre elite e poder e a dinâmica dos espaços políticos na Guiné-Bissau, parece-me crucial a convergência entre: uma leitura teórica conceptual e uma leitura empírica que não procure excluir as sensações pessoais do trabalho científico. A observação participante atravessou, sem dúvida, todas as minhas vivências no terreno, pois observei e participei sempre que me foi possível, mesmo quando isso não tinha relação aparente com o trabalho que me levava àquele terreno etnográfico.

#### 4 - Interpretação dos dados recolhidos no terreno

Já no território guineense, a pesquisa documental revelou-se bastante insatisfatória. Não encontrei, por exemplo, quaisquer dados (recentes ou não) sobre o número de mulheres empresárias ou que estão ligadas ao comércio. Para além disso, não existe qualquer informação recente sobre as ONG's existentes no território que me permitiria verificar se o número de mulheres nestas duas esferas da sociedade tinha ou não aumentado em relação a elementos recolhidos no passado (caso, tal como fui informada, existam efectivamente esses dados). Ironicamente, esses obstáculos acabaram por servir mais para reforçar a minha convicção de que me encontrava perante um terreno antropológico cheio de potencialidades, do que para desanimar irremediavelmente.

Comprava assiduamente os três jornais guineenses - "Nô Pincha", "Correio Guiné-Bissau" e "Gazeta de Notícias" - mais para tentar ler a partir dos silêncios dos jornalistas, do que para retirar qualquer informação fidedigna. Muitas vezes pressionados pelo poder político, os *media* tentam sobreviver numa sociedade onde a liberdade de expressão tem vivido agrilhoadada. Excepuando o "Nô Pincha" (4 e 11 de Abril de 03), que é um jornal assumidamente *pro*-governo, as estratégias destes actores políticos têm passado por dar uma excessiva relevância às notícias externas, como a guerra do Golfo ("Correio da Guiné-Bissau" -12/04/03) ou, numa atitude mais ousada, dão voz aos concorrentes eleitorais que pertencem à oposição e referem as conclusões pessimistas do relatório anual dos EUA sobre os direitos humanos (in"Gazeta de notícias"-07/04/03)<sup>10</sup>.

Ainda que a minha pesquisa documental tenha sido limitada, tive acesso a importantes dados estatísticos referentes à representatividade das mulheres no parlamento

<sup>10</sup> Na última página deste jornal, destaca-se ainda a seguinte frase do Presidente da República Dr. Koumba Yalá: " Nós somos como o vento, que entra em todo o lado sem furar a parede, por isso sabemos o que se passa em toda a parte. Eis o que exprime, com a seriedade necessária em política, no quadro democrático, a razão da nossa força"(in, *Os Pensamentos Políticos e Flosóficos*, Vol.II). O autor recorre a uma linguagem metafórica, onde o poder é como o "vento, através da qual a sua omnipresença e a do seu Governo é constantemente reiterada.

(desde 1985 a 2000) que me permitem fazer algumas comparações.<sup>11</sup> Numa primeira interpretação, parece que nos encontramos perante um quadro em que a Guiné-Bissau se destaca por “correr” [expressão minha] na direcção oposta à esperada. A situação está longe de ser animadora para as mulheres: entre meados da década de oitenta e meados dos anos noventa do séc. XX, o número de mulheres na vida política activa diminuiu de 20% para 6%, numa queda vertiginosa de 12 pontos percentuais. Este cenário é reforçado quando comparamos a Guiné-Bissau com os dados disponíveis de três outros PALOP (Moçambique; Cabo Verde; Angola). Em todos estes países, ao contrário do que se passa na Guiné-Bissau, assistimos a um aumento do número de lugares parlamentares ocupados por mulheres: tanto em Moçambique como em Angola, o número de mulheres no parlamento era de 30% em 2000 (um aumento de 5%, face aos números de 1997); em Cabo Verde, a representatividade feminina no parlamento atinge os 20 % em 2000 – o mesmo valor que a Guiné-Bissau registava há três décadas atrás.

Embora manifestamente insuficientes, o cruzamento destes dados estatísticos com as entrevistas permitiram-me tirar algumas conclusões, ainda que provisórias, no que diz respeito à dialéctica entre poder feminino e elite política na Guiné-Bissau. A extrema homogeneidade que encontrei em certas perguntas-chave dão-me também alguma segurança neste aspecto.

Quando pedi às senhoras para referirem um período ou época histórica no qual identificassem uma causa possível para a drástica diminuição do poder das mulheres no campo da política activa, todas foram peremptórias ao apontaram o início do processo de Abertura Política.<sup>12</sup> Mas, apesar do processo de abertura política ter sido apontado como um momento que marca a vertiginosa queda do poder feminino no seio da elite governante, este não explicava por completo os valores que encontrámos no primeiro gráfico (uma diminuição de 12%, entre 1985-95). Deve ter havido concorrência de um conjunto de factores históricos,

---

<sup>11</sup> Remeto a consulta desses dados estatísticos para o Anexo 5 do presente texto.

<sup>12</sup> Oficializado em 1992, com a criação da Comissão Multipartidária da Transição (CMT), este processo foi longo e sofreu alguns reveses antes de atingir o seu *zénite* com a realização das primeiras eleições pluri-partidárias em 1994. O PAIGC ganhou as eleições, mas entretanto já a nova constituição tinha sofrido alterações que se revelaram muito negativas para as mulheres. O “sistema de quotas” que Amílcar Cabral tinha introduzido nos estatutos do partido, deixou de existir ao nível governamental e as mulheres iniciaram o seu declínio na política. Ainda que este conjunto de regras permaneça actualmente contemplado nos estatutos internos do partido, na opinião das mulheres que entrevistei, a sua aplicabilidade tem vindo a diminuir cada vez mais.

internos e externos, que resultaram no progressivo abandono das mulheres da vida política activa.

Façamos, agora, a nossa viagem temporal ao contrário para tentar decifrar melhor as transformações ocorridas. A época áurea para as mulheres foi, sem dúvida, o período histórico da luta pela independência. Graças à visão progressista do fundador do PAIGC, muitas mulheres receberam educação no estrangeiro e desempenhavam um papel fundamental para o sucesso da luta armada. O papel das mulheres consistia *grosso modo* em dar assistência médica, apoio logístico e formação a outras mulheres que iriam ocupar lugares políticos de destaque.

Tendo dedicando grande parte da sua vida ao partido, muitas mulheres assistiram ao desmembramento das suas famílias. Para além desta perda, as mulheres que participaram na luta queixam-se que a sua contribuição nunca foi devidamente reconhecida, nem pelo partido, nem pelos homens do partido: frequentemente retratadas apenas como auxiliares dos homens, estes sim, vistos como os “verdadeiros” combatentes [expressão utilizada por uma das pessoas entrevistadas].

Pouco depois de ter sido reconhecida a independência, em 1974, a situação começou a alterar-se para a mulher: existia uma espécie de “sexualização” [expressão minha] dos cargos de poder, que limitava fortemente o campo de acção das mulheres ao remetê-las para os Ministérios da Saúde ou da Educação. Fora destas áreas políticas, consideradas femininas, as mulheres enfrentavam uma forte resistência por parte da elite masculina e era raramente aceite que uma mulher ocupasse outro tipo de Ministérios.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Exemplo dessa atitude masculina exclusivista, foram as críticas pejorativas recebidas por uma das minhas interlocutoras, quando ocupou o cargo de Ministro das Finanças.

## **5- Hipóteses explicativas resultantes da convergência entre o enquadramento teórico e a perspectiva empírica**

Em conjunto com os dados recolhidos durante as entrevistas, os gráficos sobre a representatividade feminina no parlamento mostram-nos uma transformação, no sentido negativo, no que toca à questão do poder feminino. No entanto estes actores políticos femininos não se evaporaram simplesmente no ar, sendo que se torna necessário questionar-me sobre os seus percursos e estratégias de adaptação às diferentes situações políticas que foram ocorrendo.

Aparentemente, verifica-se um movimento ascendente e um movimento descendente no que toca ao poder feminino no seio da facção governamental da elite política guineense. Este último, marcado pela abertura do espaço político a novos actores, parece corresponder a uma estratégia feminina que visa a manutenção do seu poder aplicando-o agora a outro espaço da esfera pública. Com efeito, o processo de Democratização/Abertura Política criou um terreno favorável à emergência de novos espaços políticos não governamentais possibilitando, assim, o aparecimento da primeira associação não governamental em 1991 (“Alterna G”). Nas ONG’s muitas mulheres, principalmente as mais jovens, puderam continuar a intervir sem estarem dependentes do organismo estatal.

Ao optarem por esta atitude de independência face ao poder político governamental, as mulheres adquiriam poder num terreno político ainda virgem. A estratégia seguida pelas mulheres parece ter surgido como resposta ao sufoco sentido dentro da elite política vigente e soube tirar o maior partido da conjuntura político-social da época. Porém, esta opção de “virar as costas” [expressão minha] ao poder Estatal está igualmente na base da fraca representatividade feminina no parlamento, já que ao abandonarem esse outro espaço político as mulheres começaram a perder terreno dentro dessa facção específica da elite. Trata-se de

um efeito perverso cujas origens assentam, em parte, nas opções tomadas pela grande maioria das mulheres durante os últimos dez anos e que os gráficos ajudam a visualizar.<sup>14</sup>

Ao ganho de poder da mulher num novo espaço político, parece corresponder uma perda significativa de poder na esfera político-partidária da elite política. A verificação desta hipótese, poderá ajudar a explicar as reacções iniciais da facção governativa face ao aparecimento destes novos espaços políticos. Segundo o relato de uma das senhoras entrevistadas, as reacções iniciais ao aparecimento de ONG's foram bastante negativas, envolvendo ameaças e mesmo perseguições, mas assim que ficou claro que estas associações não eram partidos políticos as hostilidades cessaram por completo: "Demorou algum tempo, mas depois as autoridades estatais viram que não a ONG não era um político camuflado tudo acabou". Nesse contexto histórico específico, a explicação para a mudança de atitude dos que se opunham à abertura do espaço político está estreitamente ligada ao facto das ONGs terem deixado de ser vistas como potenciais adversários na disputa pelo poder. As hostilidades cessaram porque, não sendo um partido político, as ONG's já não representavam uma ameaça evidente e o poder da esfera político-partidária permaneceria nas mãos dos mesmos actores políticos.

A abertura do espaço político foi apontada pelo BM, o FMI e as Nações Unidas como condição *sine qua non* para que Guiné-Bissau continuasse a usufruir de empréstimos internacionais e sair de uma das maiores crises económicas e políticas que se abateu sobre o território durante a década de oitenta. A pressão externa foi imensa, mas também existiram factores internos que colaboraram fortemente para obrigar a elite dirigente a abrir as portas do poder a outros actores sociais. Refiro-me ao atritos permanentes entre ala conservadora e a ala progressista (ou reformadora) do PAIGC, que acabando por provocar a saída de muitos militantes que foram engrossar as listas de partidos da oposição ou se dedicaram à intervenção política no campo da sociedade civil.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> A emigração e a conseqüente diáspora em que muitos guineenses se encontram, podem também ajudar a explicar o fenómeno de erosão feminina na vida política activa. No entanto, não disponho de dados que o comprovem pelo que fica aqui apenas o registo desta minha suposição.

<sup>15</sup> De acordo com Carlos Cardoso (2003:19-20), o processo de recomposição da elite política guineense tem sido pautado pela tensão permanente entre duas forças - uma conservadora e outra impulsionadora - que pretendem adquirir protagonismo no seio da própria elite dirigente. Para o autor, o problema é que, mesmo quando se verifica um rejuvenescimento da elite política, este não se tem traduzido numa nova forma de fazer/estar na política que não passe pelo culto excessivo da individualidade e da notoriedade pessoal, em detrimento da adopção de práticas políticas que estejam

Parte desses actores sociais (como, por exemplo, algumas das mulheres mais jovens que entrevistei), que tinham regressado ao território nacional em finais da década de oitenta, encontraram aí um terreno político e social propício à expressão dos seus interesses. Esta nova geração, em geral mais letrada, possuía uma visão profundamente elitista do poder e, juntamente com a pressão internacional, fizeram com que a abertura política se tornasse numa realidade.<sup>16</sup>

Até certo ponto, o percurso das mulheres na Guiné-Bissau lembra o das mulheres europeias durante o período das duas Grandes Guerras: embora em épocas históricas distintas, tanto num contexto como noutro, o esforço de guerra fez com que muitas mulheres saíssem da esfera doméstica e começassem a reclamar o seu poder noutras esferas da sociedade, maioritariamente ocupadas por homens. Mas, enquanto que no contexto europeu a conjuntura socio-política estável permitiu iniciar o processo dito de emancipação feminina, isso ainda não se verificou no caso da Guiné-Bissau. Com efeito, tal como notou uma das pessoas que entrevistei, na base dos insucessos constantes face a um desenvolvimento efectivo do país está precisamente o facto das condições políticas e sociais serem extremamente voláteis. O recurso à violência e à agressão, por parte de certos membros mais radicais, só tem servido para agravar ainda mais esta situação de instabilidade política e perpetuar os problemas causados pela ausência de uma cultura democrática que seja transversal a todos os actores políticos.

À equação da perda de poder feminino na elite política governante, temos ainda de acrescentar outras duas questões da máxima importância para o estudo da dialéctica entre elite e poder, que concorrem para explicar o abandono cada vez maior das mulheres da vida parlamentar: a primeira questão é de ordem familiar e remete-nos para os conceitos de esfera pública e privada que vimos há pouco [no ponto 3 deste texto]; a segunda, prende-se com o próprio exercício do poder e com a forma como este é percebido pelas mulheres: quer no que diz respeito à sua percepção enquanto mulheres, quer no que se refere ao que elas pensam ser a percepção masculina do poder.

---

em conformidade com valores mais democráticos. Explicar a demora desta mudança é o principal objectivo da investigação de Cardoso.

<sup>16</sup> Tudo parece ter realmente acontecido segundo a hipótese lançada por Carlos Cardoso (*vide* 2003: *A Formação da Elite Política na Guiné-Bissau*: 5), que aponta a estabilidade política e social como condição determinante para que a manifestação dos interesses emergentes se torne efectiva.

Muitas mulheres que entrevistei referiram as dificuldades que sentiram ao nível familiar quando ocuparam cargos de Ministro, devido à sobrecarga de tarefas: elas têm de ser, simultaneamente, boas na actividade política à qual pretendem dedicar-se, boas donas-de-casa, mães e esposas. Para além do papel que a mulher agora reclama para si, frequentemente não tem qualquer ajuda no campo familiar onde continua a ser a única a suportar a carga decorrente das tarefas domésticas. Optar pela vida política activa acarreta muitos problemas e conflitos, quer ao nível da disponibilidade horária como da sobrecarga de actividades.

Como já tive oportunidade de referir, o poder é impensável sem a referência à sexualidade (cf. Balandier:1985; 13) e os mecanismos de poder são diferentes, consoante nos encontramos no domínio público ou privado da vida social.<sup>17</sup> Isto implica, por um lado, que, ao pretender defender os seus interesses fora do domínio familiar, as mulheres têm de adoptar um conjunto de outras estratégias, consideradas “masculinas”, que lhes permitam mostrar aos seus adversários que conseguem lutar de igual para igual e conquistar o poder desejado. Por outro lado, a pressão simbólica, tanto no trabalho como em casa, vai no sentido da mulher continuar a desempenhar o seu papel tradicional - o papel que a sociedade masculina decidiu para ela. Isto sucede porque dentro do campo social de dominação, a ideologia dominante não só participa no próprio funcionamento do poder, como também exerce um efeito coercivo sobre os dominados (cf. Ansart, P.: 1977; 210).

Devido à própria natureza dialéctica do poder, o “domínio” feminino [expressão de Bourdieu:1998], mesmo dentro da esfera familiar, tem sido mais virtual que real já que, sem terem consciência disso, as mulheres acabam por repetir os mesmos padrões comportamentais a que estiveram sujeitas em criança. Efectivamente, enquanto as mulheres guineenses não se conseguirem libertar desta ciclicidade geracional que lhes confere um lugar pré-destinado na esfera política, o seu poder estará ameaçado, uma vez que qualquer

---

<sup>17</sup> Entendendo por “dominação”, uma estrutura global de poder que se encontra dissiminada por todo o tecido social e que é, simultaneamente, uma situação estratégica no confronto a longo prazo entre os adversários (cf. Bourdieu: 1998).

reorganização efectiva dos papéis sociais depende, intrinsecamente, duma verdadeira mudança ao nível das mentalidades.<sup>18</sup>

A questão de fundo das mentalidades está igualmente relacionada com a forma como as mulheres percebem o exercício do poder em si mesmo. De um modo geral, o poder é visto por estas mulheres no seu sentido mais negativo: “os homens estão mais interessados em fazer vingar a sua opinião pessoal que em encontrar consensos” - afirmam - “eles procuram mais a sua ascensão individual, em vez de terem presente que estão ali para governar em nome de todos.” Esta forma pejorativa de entender o poder praticado pelos actores masculinos contribuiu (e continua ainda a contribuir) para que as mulheres se sintam frustradas e acabem por desistir da vida política activa.

É como se as tensões geradas pela conflitualidade entre interesses pessoais, a partir das quais o combate pelo poder adquire sentido, levasse as mulheres a rejeitar por completo o pouco poder que já tinham nesse campo político e, desse modo, agradar precisamente a quem nunca esteve muito interessado em dividi-lo. Ao poder “masculinizado” [expressão minha] presente na elite política dirigente, as mulheres responderam com a ocupação de um novo espaço político emergente onde elas poderam implementar as suas próprias regras, segundo os seus próprios interesses.

Por oposição à forma como as mulheres pensam que os homens fazem política, a estratégia feminina consiste em colocar-se no lado “bom”/ “correcto” [expressões minhas] do exercício de poder. Elas afirmam procurar resolver os conflitos mais por via do diálogo e do consenso, que por via dos ataques pessoais. Assim, as mulheres pretendem demarcar-se da característica violenta e agressiva que perpassa actualmente a actividade política na Guiné-Bissau. Do ponto de vista metafórico, a estratégia feminina está conforme a ideia socialmente aceite da mãe apaziguadora das contendas familiares pelo que, a médio ou longo prazo, ela poderá trazer os seus frutos; desde que sejam trabalhados igualmente outros aspectos que visem a sua emancipação efectiva.

<sup>18</sup> No terreno, tive conhecimento de uma situação que ilustra bem os abusos a que muitas mulheres ainda hoje estão sujeitas: enquanto ainda era criança a jovem x foi prometida em casamento a um estrangeiro (“branco”), mas como se recusou a acatar a decisão dos pais ela acabou por ser expulsa de casa, uma vez que ofendeu a honra da família. Segundo me contaram posteriormente, este tipo de situações de abuso dos direitos humanos repetem-se com alguma frequência principalmente entre as famílias mais pobres, onde ter uma filha pode representar uma fonte de rendimento.

O principal problema é que, ao afastarem-se cada vez mais da vida política activa, as mulheres têm vindo gradualmente a perder a capacidade de influenciar o rumo das decisões políticas do seu país. Dito de outro modo, elas deixaram de pertencer à esfera político-partidária da elite para se organizarem numa outra facção (civil) que, no panorama actual guineense, praticamente não tem poder de influenciar o rumo do país.

Quer do lado masculino, quer do lado feminino, verifica-se uma concepção elitista do poder onde os primeiros tentam resistir às mudanças impostas pelos segundos.<sup>19</sup> De acordo com as mulheres, os homens argumentam que tal sistema iria permitir a subida de mulheres incompetentes ao poder; elas ripostam afirmando que, para além de tal atitude demonstrar a total falta de vontade política, são tão ou mais capazes que muitos dos homens que actualmente desempenham cargos de Ministro. Quanto mais não seja, porque – afirmam – como já têm a experiência de gerir o quotidiano familiar, será mais fácil para elas gerir a coisa pública.

Existe uma certa tensão simbólica/discursiva entre os sexos que se encontra legitimada por valores sociais e culturais ancestrais e que, devido às constantes interrupções no processo de alteração das mentalidades, contribuem para explicar os insucessos de uma mudança efectiva. O facto de algumas destas mulheres estarem descontentes com as limitações próprias do campo político das ONG's e optarem, agora, por uma estratégia de re-introdução na elite política dirigente, pode-nos indicar uma mudança estratégica no sentido de recuperar algum terreno nesse espaço político específico.

No caso da Guiné-Bissau, a análise da dialéctica entre o poder feminino e a elite política deve ter em linha de conta vários factores que convergem entre si: em primeiro lugar, deve-se ter em conta, que no equilíbrio de forças que representa o poder, a sexualidade é (por via das diferenças ao nível fisiológico) um terreno/espaco político bastante fértil, onde as categorias sexuais servem de premissas para uma lógica de dominação de um dos sexos face ao outro.<sup>20</sup> É, com efeito, a partir destas diferenças transformadas em metáforas que a dominação masculina exerce/cria/mantém o seu poder relativo. E para dominar, os homens

<sup>19</sup> À re-introdução do sistema de quotas, por exemplo.

<sup>20</sup> Para aprofundar esta temática em relação ao contexto africano, consultar: Griaule 1985 [1966]; Godelier (1982); Gomes da Silva, J.C. (1994).

precisam da cooperação feminina, já que não existe poder efectivo sem a colaboração de ambas as partes. Deste modo, a inconsciência feminina do seu próprio papel (de inferioridade) na complexa engrenagem do poder, aliada à situação de instabilidade político-social que se tem vivido no país, acaba por se encontrar na base das permanentes interrupções do processo de transformação das mentalidades. Para poder-mos assistir a uma transformação plena será, com certeza, preciso mais tempo, mais educação, mas, sobretudo, que as condições político-sociais comecem a convergir no sentido da paz.

### III - Conclusão

Um dos principais objectivos do presente estágio passou pela possibilidade de pôr em prática alguns dos conhecimentos teóricos e metodológicos que fui apreendendo durante o curso, bem como pela auto-avaliação da minha capacidade de pesquisa e de elaboração de um projecto individual em antropologia. Nessa perspectiva, julgo ter sido fundamental a minha ida ao terreno pois pude constatar/experimentar uma série de questões etnográficas que ainda só conhecia em teoria. Sinto que iniciei efectivamente a minha viagem nos caminhos da Etnologia. Isto significa que de entre as experiências que adquiri, quer na abordagem a uma área que desconhecia - as Elites Políticas – quer na realização do projecto individual, a única completamente nova foi o contacto com o contexto africano, tão importante para quem pretende, no futuro, aí investigar.

No âmbito do projecto “Dialéctica entre elite política e poder feminino”, pretendia verificar como estes dois vectores contribuem para a definição da elite política guineense, bem como quais as transformações ocorridas na relação de forças que se estabelece no seio da mesma. Ao questionar as transformações do poder feminino no seio da elite política, destaquei, igualmente, alguns aspectos permanentes que formam a argumentação simbólica na qual as próprias mulheres são ensinadas a sentirem-se de acordo com as regras estabelecidas pela facção socialmente dominante. Como tornar-se livre das suas próprias concepções mentais? Essa é uma questão difícil e terá, certamente, que ficar em aberto.

No decurso desta minha investigação recorri a uma metodologia fundamentalmente empírica, mesmo que assente em material literário de ordem teórica. Tal deveu-se, essencialmente, ao facto da escassez de material teórico sobre esta temática na Guiné-Bissau.

A instabilidade política e social em que a Guiné-Bissau vive presentemente, tem como efeito a perpetuação de um impasse, de um “eterno recomeço” [expressão usada por uma das pessoas que entrevistei], que afecta negativamente todos os sectores da sociedade e está na base da insatisfação difusa que a maioria das pessoas com quem contactei demonstrou sentir. Partindo do princípio que a situação de instabilidade política e social é o principal factor do insucesso de um processo tão longo como a mudança das mentalidades, pergunto-me quanto tempo demorará para que tudo volte, mais uma vez, a arrancar. Efectivamente, enquanto não estiverem criadas as condições favoráveis para a alteração das relações de poder entre a esfera pública e a esfera privada na Guiné-Bissau, estou convencida que estas não acontecerão. Enquanto não houver uma estabilidade político-social relativa, a sociedade civil guineense permanecerá à espera de uma oportunidade para efectivar novas mudanças que parecem tardar a chegar.

Por outro lado, tal como tentei demonstrar quando referi o período de Liberalização política, qualquer mudança estrutural no tecido socio-político guineense implica, também, a efectiva participação de todos os actores sociais interessados nessa mesma mudança. O que significa que, qualquer alteração resulta da osmose entre os interesses individuais presentes na sociedade civil, e da aceitação, por parte de quem governa, dos limites dos seus próprios poderes em prol de outros valores considerados mais democráticos.

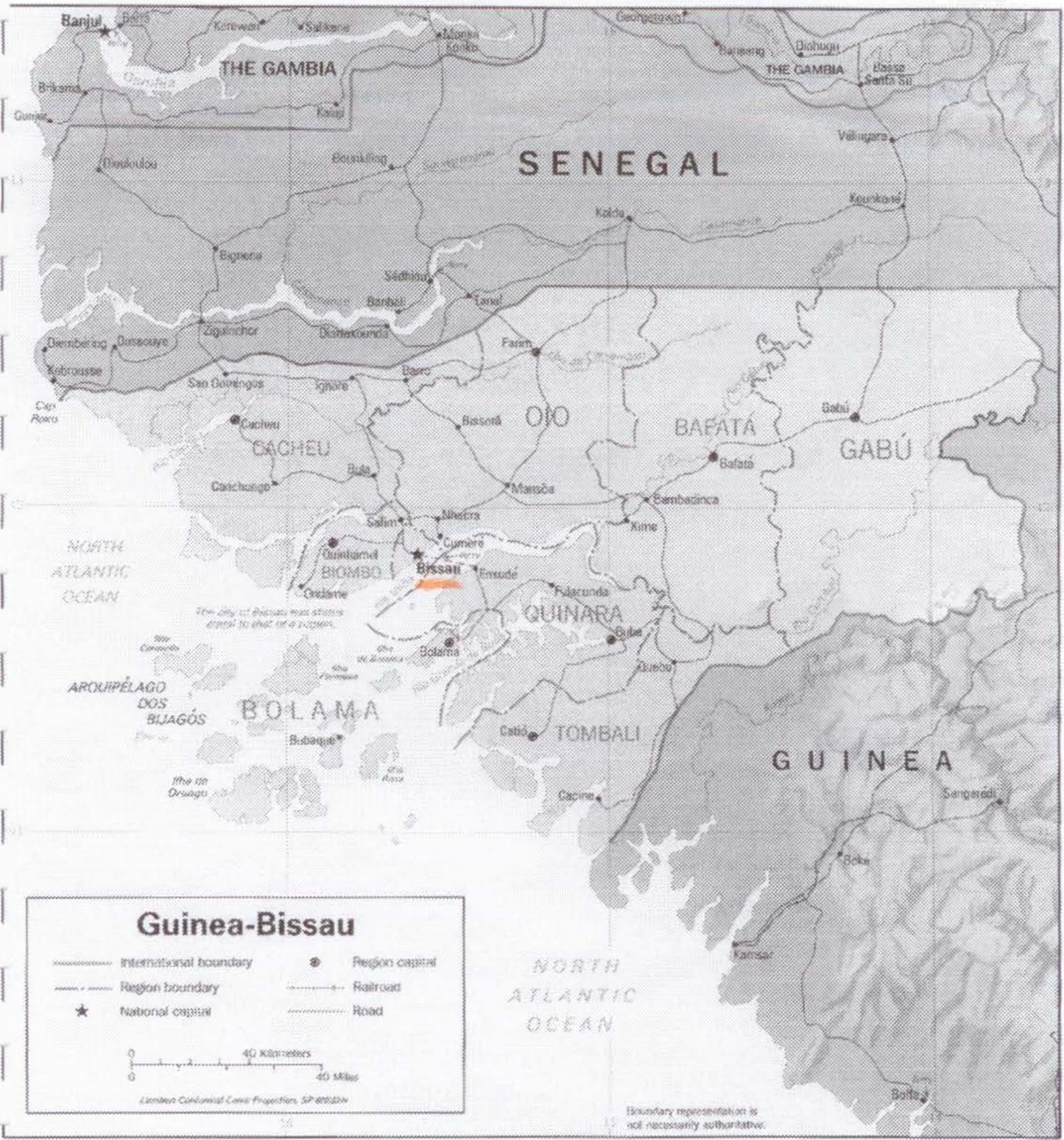
Temos, portanto, desenhado um quadro de interdependências: entre o desejo de uma estabilidade política e social que permita uma maior expressão dos interesses dos actores femininos e a atitude perseverante que certas mulheres adoptam, no sentido de participarem directamente nessa mudança para uma estabilidade mais duradoura e construtiva.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Nesse sentido, não posso deixar de pensar que a atitude passiva que a grande maioria dos actores políticos guineenses (mulheres e homens) têm vindo a adoptar é, paradoxalmente, um dos factores que contribui para a permanência desta situação de impasse que o país actualmente atravessa.

## IV - ANEXOS

**1 – Mapas da Guiné-Bissau e da sua Capital**



Source: CIA World Factbook, 2004



## **2 – Cronograma das actividades desenvolvidas durante o Estágio**

## CRONOGRAMA DO ESTÁGIO

<i>Actividades</i>	2002/2003						Meses
	12	01	02	03	04	05	06
Pesquisa bibliográfica							
Participação nas reuniões do projecto							
Elaboração de fichas de leitura e resumos de textos							
Elaboração e apresentação do relatório preparatório para o terreno							
Análise da documentação histórica do CIDAC e do INEP							
Ida ao terreno							
Análise de jornais guineenses							
Realização de entrevistas							
Tratamento e análise das entrevistas							
Elaboração de relatório sobre o trabalho efectuado no terreno							
Elaboração do relatório final de estágio							

**3 - Pedido de visto de cortesia à Embaixada da República da  
Guiné-Bissau**

À  
Embaixada da República da Guiné-Bissau  
Lisboa

Lisboa, 27/3/2003

**Assunto: pedido de visto de cortesia**

A dr.<sup>a</sup> Ana Cláudia Barrinha, de nacionalidade portuguesa, é colaboradora do projecto de investigação, por mim dirigido e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, sobre “Constituição e reconstituição dos espaços políticos na África Lusófona”. Nesta qualidade, a referida colaboradora deverá deslocar-se durante duas semanas à Guiné-Bissau, para apoiar as pesquisas que, neste momento, estão a ser desenvolvidas neste país pelo Doutor Carlos Eugénio Monteiro Cardoso, nacional da Guiné-Bissau e investigador do projecto em epígrafe. Nesta conformidade, serve a presente para solicitar à Embaixada da República da Guiné-Bissau em Lisboa o favor de exarar à dr.<sup>a</sup> Ana Cláudia Barrinha um visto de cortesia para a presentadida estadia de estudos.

Com os meus agradecimentos antecipados e melhores cumprimentos



Prof. Doutor Franz-Wilhelm Heimer  
Presidente da Direcção

**4 – Modelos de entrevistas sobre a dialéctica entre o poder feminino e o poder religioso na elite política guineense**

## **Modelo para as entrevistas sobre o poder feminino no seio da elite política guineense**

### **Dados gerais:**

- 1) Nome:
- 2) Sexo:
- 3) Idade:
- 4) Morada actual:
- 5) Local de nascimento:
- 6) Grau de conhecimentos escolares:
- 7) Ocupação socio-profissional:

### **Questões sobre o poder feminino na elite política:**

- 1) Na actualidade, como classifica a participação feminina na tomada de decisões políticas governamentais?
- 2) Na sua opinião, podem as mulheres trazer algo de novo ao rumo político do país? Porquê?
- 3) A participação e o poder das mulheres na tomada de decisões políticas tem, na sua opinião, aumentado em relação ao passado ou não se observam quaisquer alterações?
- 4) Em termos históricos, identifica alguma data ou época a partir da qual a situação da mulher no seio das decisões políticas se alterou?
- 5) Caso existam alterações, quais pensa terem sido os principais factores internos e/ou externos que interviram nesta nova realidade?
- 6) Em seu entender, ainda existem coisas por fazer em relação ao poder das mulheres no seio da política governamental?
- 7) Se fosse primeiro ministro, que medidas tomaria no futuro para aumentar, caso o deseje, a participação/intervenção feminina no campo político?
- 8) E em relação aos direitos femininos em geral, o que pensa estar ainda por fazer nesse campo?

## **Modelo para as entrevistas sobre o poder religioso no seio da elite política guineense**

### **Dados gerais:**

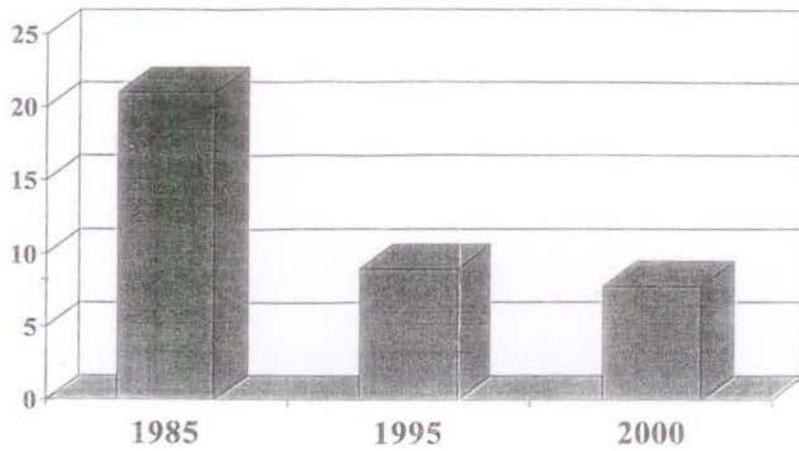
- 1) Nome:
- 2) Sexo:
- 3) Idade:
- 4) Morada actual:
- 5) Local de nascimento:
- 6) Grau de conhecimentos escolares:
- 7) Ocupação socio-profissional:

### **Questões chave sobre o poder religioso na elite política:**

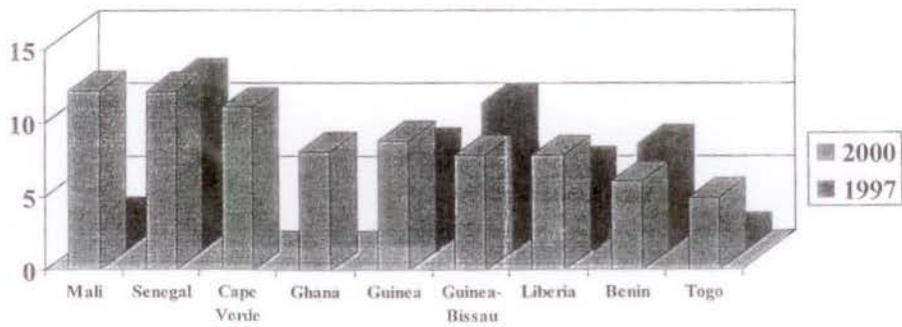
- 1) Em termos identitários, como se auto-denomina dentro e fora do contexto socio-geográfico do seu país?
- 2) Tem alguma crença religiosa? Qual?
- 3) Na sua opinião, religião e política são compatíveis ou, pelo contrário, devem ser encarados como dois domínios distintos de intervenção social?
- 4) Desde as primeiras décadas de independência até hoje, acha que houve alterações significativas ao nível do poder religioso face à tomada de decisões políticas do país, ou não?
- 5) Caso a resposta seja afirmativa, diga-me, no seu entender, quais os factores que contribuíram decisivamente para essa mesma alteração?
- 6) Ainda em relação às possíveis alterações ocorridas: quais pensa terem sido as Religiões (ou grupos Étnicos) que mais contribuíram para essa situação? Porquê?
- 7) Na actualidade, quais pensa serem as Religiões e/ou Etnias que detêm mais poder para influenciar a classe governante? Porquê?
- 8) E no que respeita a essa influência: considera-a positiva; negativa; ou é-lhe absolutamente indiferente? Explique porquê.

**5 – Dados estatísticos referentes à representatividade feminina no  
parlamento [1985-2000] em vários países africanos ( fornecidos por uma das  
pessoas que entrevistei)**

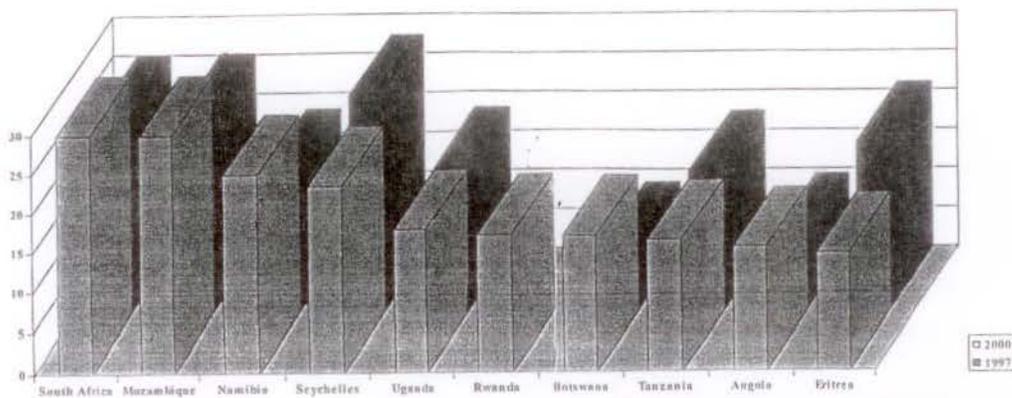
## GUINEA – BISSAU



## WEST AFRICA



## AFRICA – top 10 1997-2000



**6 - Fotografias tiradas durante a minha estadia na Guiné-Bissau**



Palácio do Governo em ruínas, desde os últimos conflitos de 1998-99.



Bissau, cidade limpa



Nos dos bairros que rodeiam a cidade de Bissau, duas raparigas penteiam-se a acrescentam cabelos, que emaranham naqueles que foram cortados por algum castigo recebido. Com os devidos intervalos que a vida quotidiana exige, esta actividades pode prolongar-se por três dias.



Esperando...

**V - Bibliografia consultada para a realização do projecto individual**

**Metodologia e questões pós-modernas:**

**CALDEIRA**, Teresa Pires do Rio (Junho de 1988): "A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia", in *Novos Estudos CEBRAP* 21, São Paulo, Brasil, editor Rodrigo Noves: 133-157.

**CAPLAN**, Pat (1997): *African Voices, African Lives: personal Narratives from a Swahili Village*, London, Routledge.

**FERRACOTTI**, Franco (1983 [1981]): *Histoire et Histoires de Vie: La Méthode Biographique dans les Sciences Sociales*, Paris, Librairie des Méridiens.

**FRADA**, João José Cúcio (1997- 8ª ed.): *Guia Prático para Elaboração e Apresentação de Trabalhos Científicos*, Lisboa, ed. Cosmos.

**PELTO**, Pertti & **PELTO** Gretel (1978 [1970]): *Anthropological research: The structure of inquiry* (second edition), Cambridge, Cambridge University Press.

**QUIVY**, Raymond & **CAMPENHOUDT**, Luc Van (1992 [1988]): *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, (col. Trajectos), Lisboa, ed. Gradiva.

**RENSETTI**, Claire M. & **LEE**, Raymond [eds.] (1993): *Researching Sensitive Topics*, London, Sage Publications, coop.

**ROBSON**, Colin (1993): *Real World Research: A Resource of Social Scientists and Practitioner-Researchers*, Oxford UK & Cambridge USA, ed. Blackwell.

**SEIXAS**, Paulo Castro (1996): "A Antropologia Pós-Moderna", in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 36, Porto, edições S.P.A.E.:11-27.

**Antropologia política; Espaços políticos; Governação e Elites políticas em África:**

**AUGEL, Johannes & CARDOSO, Carlos** (1996): *Transição Democrática na Guiné-Bissau (e outros ensaios)*, Bissau, INEP.

**ABÉLÈS, M.** (1997): "L'Anthropologie Politique: Nouveaux enjeux, Nouveaux objets", in *Révue Internationale des Sciences Sociales* nº 153: 355-367.

**AKE, Claude** (2000): *The Feasibility of Democracy in Africa*, Dakar, Council for the Development of Social Science Research in Africa.

**BALANDIER, G.** (1985): "Le Politique des Anthropologues", in **GRAWITZ, M.** *Traité de Sciences politiques*, Tome I, Paris, Jean leca ed.: 309-333.

**BERRADY, Lhachim; BLEUCHOT, Hervé** (et. al) (1973): *La Formation des Élités politiques Maghrebines*, Centre de Recherche et d'Études sur les Sociétés Méditerranéennes, Paris, Librairie de droit et de Jurisprudence.

**BOURDIEU, P.** (1989): "A representação política. Elementos para uma teoria do campo político" (cap.7), in *O Poder do Simbólico*, Lisboa, Difel: 163-207.

**CARDOSO, Carlos** (2003): *A Formação da Elite política na Guiné-Bissau*, Occasional Paper Series Nº 5, Lisboa, I.S.C.T.E., C.E.A.

**CARDOSO, Carlos; MACAMO, Elisio; PESTANA, Nelson** (2003): *Da possibilidade do político na África lusófona -- algumas contribuições*, Lisboa, I.S.C.T.E., C.E.A.

**CHAZAN, Naomi** (1992): "Liberalization, Governance and Political Space in Ghana" (chapter 6), in *Governance and Politics in Africa*: **HYDEN, Goran; BRALTON, M.** (eds.), Boulder & London, Lynne Rienner Publishers: 121-141.

**CHAZAN, Naomi; MORTIMER, R.; RAVENHILL, J. & ROTHCHILD, D.** (1993): *Politics and Society in Contemporary Africa*, London, Lynne Reinner Publishers.

**DALOZ**, Jean-Pascal dir. (1999): *Le (non-) renouvellement des Élités en Afrique subsaharienne*, Bourdeaux, Paris, Centre d'étude d'Afrique Noire (CEAN).

**DIAS**, E. Costa (2000): "Estado, Estruturas Políticas Tradicionais e Cidadania – o caso Senegâmbio", in *Cidadania, Intergração, Globalização*, (Dias, E.C.& Viegas, Leite M.J. (org.)), Oeiras, Celta Editores: 37-59.

**GALLI**, Rosemary, E. (1989): "Estado e Sociedade na Guiné-Bissau", in *Soronda 8*, Bissau, INEP: 87-106.

**HYDEN**, Goran (1999): "Rethinking the Study of African politics"(cap.2), in *Governance and Democratisation in West Africa*, Olowu, Dele (et. al), Dakar, ed. CODESRIA: 9-27.

**LAPIERRE**, J.W. (1968): "Problématique du pouvoir politique" (cap.2), in *Essai sur le Fondement du Pouvoir Politique*, Paris, ed. Ophrys: 35-87.

**LASSWELL**, Harold; **LERNER**, D.; **ROTHWELL**, C. Easton (1952): *The Comparative Study of Elites – an Introduction and Bibliography* by LASSWELL; LERNER & ROTHWELL, The Hoover Institute Studies, California, Stanford University Press.

**LOPES**, Carlos (1999): *Kaabunké: Espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais*, trad. Maria Augusta Júdice e Lurdes Júdice, Lisboa, ed. Comissão Nac. para os Descobrimentos Portugueses.

**MACAMO**, Elísio (2002): *A Transição política em Moçambique*, occasional paper séries nº4, Lisboa CEA/ISCTE.

**NNOLI**, Okwudiba ed. (2000): *Government and Politics in Africa – a Reader*, Harare, AAPS Books.

**PESTANA**, Nelson (2003): *As Dinâmicas da Sociedade Civil em Angola*, occasional paper nº7, Lisboa, CEA/ISCTE.

**PINTO**, António Costa & **FREIRE**, André ; orgs. (2002): *Elites, Sociedade e Mudança Política*, Oeiras, Celta Editora.

**WEBER**, Max (1978): "A Política como Vocação", in *O Político e o Cientista*, Lisboa, Editorial Presença: 7-15.

**KOUDAWO, Fafali & MENDY, P.** ed. (1996): *Pluralismo Político na Guiné-Bissau – uma Transição em curso*, Bissau, INEP.

**Colonialismo português e história da Guiné-Bissau :**

**ANDREINI, Jean-Claude & LAMBERT, Marie-Claude** (1978): *La Guinée-Bissau. D'Amilcar Cabral à la Reconstruction Nationale*, Paris, L'Harmattan.

**BULL, Benjamim Pinto** (1989): *O crioulo da Guiné-Bissau – Sua Filosofia e Sabedoria*, col. diálogo série convergência - Kacu-Martel, Lisboa, ICLP & INEP.

**CARDOSO, Carlos** (1992): “A ideologia e prática da colonização portuguesa na Guiné e o seu impacto na estrutura social – 1926-73”, in *Soronda 14*, Bissau, INEP: 29-64.

**FILHO, Wilson Trajano** (1994): “Invisíveis e Liminares – a sociedade crioula e os seus heróis”, in *Soronda 18*, Bissau, INEP: 77-114.

**MENDY, Peter Karibe** (1994): *Colonialismo Português em África – A tradição de resistência na Guiné-Bissau (1879-19459)*, col. “Kacu Martel” 10, Bissau, INEP.

**PÉLISSIER, René** (1989): *História da Guiné – Portugueses e Africanos na Senegâmbia: 1841-1936 (vol.II)*, col. imprensa universitária nº76, Lisboa, editorial Estampa.

**Poder e Sexualidade :**

AMÂNCIO, Lúcia (1994): *Masculino e Feminino – a construção Social da Diferença*, porto, ed. Afrontamento.

BALANDIER, G. (1985a [1974] ): *Anthopo-logiques*, Paris, Librairie générale française.

BERTHOUD, Gerald (1984): “La subordination féminine: affirmation indiscutable ou débat?”, in *Bulletim du MAUSS* 10: 11-21.

BOURDIEU, Pierre (1984 [1987] ): *O Poder do Simbólico*, Lisboa, Difel.

BOURDIEU, Pierre (1998a): *La Domination Masculine*, Paris, collection Liber, Seuil.

BRYDON, Lynne & CHANT, Sylvia (1989): *Women in the Third World – Gender Issues in rural and Urban Areas*, ed. Edgar Elgar coop.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (1997): *African Women – a Modern History*, Oxford, Westview Press.

DOMINGUES, Maria Manuela A. B. (2000): *Estratégias Femininas das Bideiras de Bissau*, tese de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Univ. Nova de Lisboa.

FARIA, Sérgio (2000): “Sobre (o difícil) trânsito feminino para o espaço do poder político”, in *Cidadania, Integração, Globalização* (org. José Manuel leite Viegas & Eduardo Costa Dias), Oeiras, Celta editora.

FOUCAULT, M. (1994 [1977] ): “O Dispositivo da Sexualidade”, in *História da Sexualidade! - a Vontade de Saber*, Lisboa, Relógio d’Água.95-117.

FOUCAULT, M. (1994): “Le Sujet et le Pouvoir”, in *Dits et Écrits IV*, Paris, Gallimard: 222-243.

GALLOIS DUQUETTE, Danielle (1979): “Women Power and Initiation in the Bissagos Islands”, in *African Arts* 12 (3): 31-35.

**GODELIER, M.** (1982): *La Production des Grandes Hommes*, Paris, Fayard.

**GRIAULE, Marcel** (1985 [1966]): *Dieu d'eau – Entretiens avec Ogotemmêli*, Paris, Fayard.

**HENRY, Cristine** (1994): *Les îles où dansent les enfants défunts: Âge, Sexe et pouvoir chez les Bijogo de Guiné-Bissau*, (col. Chemins de L'ethnologie), Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme.

**LA FONTAINE, Jean S. ed.** (1978): *Sex and Age as Principals of Social Differentiation*, London, Academic Press.

**LEBEUF, Annie** (1969): "Le Rôle des femmes dans l'organisation politique", in D. Paulme (ed.) *Femmes d'Afrique Noir*, Paris, Mouton: 93-117.

**MACCOBY, Eleanor, E.** (1990): "Le Sexe, catégorie Social", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 83: 16-26.

**PINA, Gláucia** (2003): *O Papel da Mulher no Desenvolvimento Empresarial da Guiné-Bissau – empresárias do sector autónomo de Bissau e Quinhamel*, tese de Mestrado em E. A. defendida a 26 Junho no I.S.C.T.E. [ainda não publicada].

**SILVA, Maria Cardeira** (1999): *Um Islão Prático – o quotidiano feminino em meio popular muçulmano*, Oeiras, Celta editora.

**KONNING, Marijke** (1986): "da Palavra à Acção: história de um processo de consciencialização da mulher", in *Análise Social* 22 (92-93), Lisboa: 825-851.

**Religião, Etnias e Poder:**

**CARDOSO**, Carlos (1990): “Ki-Yang-Yang – uma nova religião dos Balantas?”, in *Soronda 10*, Bissau, INEP: 3-16.

**CARVALHO**, Clara (1998): *Ritos de Poder e a Recriação da Tradição – Os Régulos manjaco da Guiné-Bissau*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia Social, Lisboa, I.S.C.T.E.

**JAO**, Mamadú (1989): “Estrutura política e relações de poder entre os Brâmes ou Macanhas”, in *Soronda 8*, Bissau, INEP: 47-62.

**DOZON**, J.P. (1974): “Les mouvements politico-religieux”, in **AUGÉ**, M.: *La Contrution du Monde*, Paris, Maspero: 75-111.

**DIAS**, Eduardo Costa (2001): “Estado, Política e Dignitários Político-Religiosos – o caso senegâmbio”, in *Cadernos de Estudos Africanos nº1/ Dez.02*, C.E.A., Lisboa, I.S.C.T.E.: 27-51.

**FAURE**, Véronique Dir. (2000): *Dynamiques Religieuses en Afrique Australe*, Paris, Katharla.

**FERNANDES**, Raul Mendes (1993): “ Partido único e Poderes tradicionais”, in *Soronda 16*, Bissau, INEP: 39-50.

**GESHIERE**, P.(1995): *Sorcellerie et Politique en Afrique – la viande des autres*, Paris, Karthala.

**LIMA HANDEM**, Diana (1986): *Nature et Fonctionnement du pouvoir chez les Balanta Brassa*, Bissau, INEP.

**WESTERLUND**, David ed. (1998): *Questioning the Secular State – the Worldwide Resurgence of Religion in Politics*, London, Hurts & Company.